



Ary Cícero de Moraes Ribeiro

Desejo de participar da mudança do Brasil

Arquivo pessoal



ARY COM A ESPOSA, A AVÓ E UMA AMIGA EM FRENTE AO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, EM 1961

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

“Aquele céu de 180 graus e o gigantesco movimento de obras por toda parte eram impressionantes”, responde o jornalista Ary Cícero de Moraes Ribeiro, 69 anos, quando perguntado sobre o motivo que o atraiu para Brasília. O encantamento se deu por acaso. A nova capital ainda era uma incógnita para a maioria dos brasileiros. “Falava-se muito a respeito, mas a verdade é que pouco sabíamos, de fato, sobre os acontecimentos na construção da cidade”, conta. Ary lembra de uma exposição no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, em que foi apresentado o projeto da cidade.

A curiosidade do jovem repórter seria sanada durante a cobertura da visita do presidente italiano Giovanni Gronchi ao Brasil, em setembro de 1958. Na época, Ary iniciava a carreira no jornal *O Estado de S. Paulo* e vivia na capital paulista.

O bimotor que trazia Ary e o fotógrafo Domício aterrisou no primeiro aeroporto da futura capital federal, um galpão de madeira com infra-estrutura mínima para receber os passageiros. Um jipe aguardava a dupla para levá-la até o recém-concluído Brasília Palace Hotel.

Do aeroporto, que ficava na altura da atual QL 4 do Lago Sul, o jipe atravessou uma ponte de madeira e desceu por uma estrada

de terra que não existe mais, ficava na região que mais tarde seria inundada pelo Lago Paranoá. “No caminho, vi apenas esqueletos de ferro e concreto, as duas torres do edifício do Congresso Nacional”, recorda.

Asfalto só existia a uns 20 metros do hotel. Dali, conta o jornalista, era possível avistar o Palácio da Alvorada, sem cercas, que havia sido inaugurado três meses antes. “Não havia jardins nem nada, apenas aquelas formas deslumbrantes em meio ao descampado”, descreve.

O lançamento da pedra fundamental da embaixada da Itália,

motivo pelo qual Gronchi chegara ao Planalto Central, aconteceu no dia seguinte, no meio do cerrado virgem. Terminada a cerimônia, Ary e o fotógrafo retornaram a São Paulo. Mas a imagem única da futura capital federal estava marcada na memória do repórter.

Outro presidente

O retorno a Brasília só aconteceria em fevereiro de 1960. O repórter fazia parte da equipe do jornal encarregada de cobrir a visita do presidente norte-americano Eisenhower. “Chegamos a Brasília de manhã e voltamos

à tarde”, conta. Do pouco que viu, lembra que Brasília já tinha a avenida W3 Sul, com o movimento concentrado na altura da 507 Sul, onde havia o restaurante Chez Ville e a Escola Parque, algumas quadras prontas e a Esplanada com os ministérios em fase final de construção. “Tudo era diferente e impressionante”, declara.

Ary também estava escalado para fazer a cobertura da inauguração da capital, em abril de 1960. Mas um problema familiar obrigou-o a permanecer em São Paulo na ocasião.

A equipe que veio, por sua vez, foi pega de surpresa pelos acontecimentos e o que seria apenas uma visita de trabalho transformou-se em mudança definitiva para a nova capital. “Ninguém imaginava que, no dia seguinte à inauguração, os três poderes já estariam funcionando aqui”, explica. Mas o Congresso, o Supremo Tribunal Federal e as representações de alguns ministérios iniciaram o expediente em Brasília assim que a cidade foi inaugurada. Por causa disso, a equipe do jornal não pôde retornar a São Paulo.

Mudança

O desejo de mudar-se para o novo Distrito Federal, entretanto, já havia sido manifestado para o jornalista. Ary estava empolgado com a idéia de participar da mudança do Brasil. “O país era um antes de Juscelino

Kubitschek”, afirma. “A inauguração de Brasília deu perspectiva nova à nação, que passou a acreditar no seu próprio potencial. Foi a melhor época que o país viveu”, completa.

Além disso, Brasília se apresentava como uma boa oportunidade para um jovem casal. A esposa, Rosa Nemer Ribeiro, concordava. Ela também já conhecia Brasília. Havia estado aqui em maio de 1958, numa viagem-prêmio aos concluintes do curso científico (Ensino Médio) do Ginásio Estadual de São João da Boa Vista (SP).

Não foi preciso esperar muito. Em junho de 1960, por conta da desistência do jornalista Vladimir Herzog de permanecer no Planalto Central, Ary foi transferido para cá.

Os jornalistas que já faziam a cobertura do governo Federal no Rio de Janeiro receberam imóveis para morar no Distrito Federal. Os repórteres que não eram credenciados, por sua vez, ficaram instalados por cerca de dois meses em um prédio anexo ao Brasília Palace Hotel. “Não havia imóveis para alugar porque todos pertenciam ao governo federal”, diz Ribeiro. “A outra opção era a Cidade Livre, mas lá já estava cheio demais”, completa.

O trabalho consistia em cobrir as atividades do Plenário, que entravam pela madrugada. As matérias eram passadas por telefone pelo colega de profissão Jorge Honório.

Antes da mudança definitiva para Brasília, o jornalista esteve por duas vezes no local onde estava sendo construída a nova capital, fazendo matérias para *O Estado de S. Paulo*

A VONTADE DE MORAR EM BRASÍLIA FOI COMPARTILHADA PELA ESPOSA, NORMA. FOI AQUI QUE DECIDIRAM CRIAR OS FILHOS



Mesmo depois de inaugurada, Brasília continuava um canteiro de obras. A Asa Sul tinha algumas quadras prontas, que eram conhecidas pelo nome dos institutos de aposentadoria que as construíam, e a Asa Norte era pouco mais que o Eixão. Comércio, mercados, restaurantes e lazer eram muito precários, mas ninguém reclamava.

O clima de solidariedade confortava os que estavam sós, e a euforia de ver surgir a nova e moderna capital no meio do cerrado contagiava as famílias que escolheram construir um futuro novo aqui.

Depois de dois meses no Brasília Palace, Ribeiro recebeu o primeiro apartamento funcional no Distrito Federal, na quadra 304 Sul. O grupo de jornalistas que estava vivendo em Brasília, mas não tinha direito a imóveis funcionais, organizou-se e solicitou a JK moradia, uma vez que também realizavam a cobertura diária do governo federal. O presidente imediatamente disponibilizou 40 apartamentos, em vários endereços no Plano Piloto. O imóvel permitiu que a esposa, Rosa, acompanhasse Ary em Brasília.

Ainda não tinha asfalto na 304 Sul. Quando chovia, a região que circundava o bloco virava um lamaçal. Em dias de sol, era a poeira que incomodava, com os rodamosinhos característicos da cidade naquele tempo, que terminaram apelidados de *lacerdinhas*. “Eram chamados assim porque, durante um discurso, Carlos Lacerda referiu-se ao fenômeno de forma depreciativa, numa das inúmeras críticas que fez à transferência da capital”, afirma o jornalista.

Dos primeiros meses na cida-

de, Rosa lembra de um fato que a impressionou pela rapidez com que as obras eram concluídas aqui. A quadra 305, vizinha ao lugar onde moravam, ainda não estava construída. Numa manhã, ao levar as crianças para brincar embaixo do bloco, Rosa deparou-se com toda a superquadra cercada de tapumes e um movimento intenso de tratores, serras elétricas e homens trabalhando lá dentro. Todo o serviço havia sido feito da noite para o dia. Pouco tempo depois, também ao acordar, percebeu a retirada dos tapumes e a quadra pronta para ser habitada.

Palácio do Planalto

Depois de cobrir o Congresso por seis meses, Ary passou a cobrir as atividades do Palácio do Planalto. Ali, participou de grandes eventos políticos, fatos marcantes da história do país, como o período em que Jânio Quadros governou o país.

Desta época, conta que Jânio paralisou a construção de Brasília ao instalar diversas comissões parlamentares de inquérito para descobrir corrupção no processo de transferência da capital. Nada foi encontrado. “Havia muita gente honesta naquele projeto”, opina o jornalista.

Em outra ocasião, os repórte-

res que cobriam o Palácio foram informados da noite para o dia de que Che Guevara chegaria a Brasília e seria condecorado pelo presidente. “A uma distância inferior a dois metros, vi Jânio Quadros entregar a insígnia da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul a Guevara”, conclui.

Quando o presidente renunciou à Presidência da República, em 1961, Ary foi o primeiro a dar a notícia, para a Rádio Eldorado de São Paulo, empresa do mesmo grupo do jornal *O Estado de S. Paulo*. Cobriu também o tumultuado governo de João Goulart e o período de Castelo Branco.

As sucursais do jornal e também de outras empresas, como *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Revista Manchete*, *Diário de Notícias* e *Correio da Manhã*, ocupavam algumas casas cedidas pelo governo na 707 Sul.

Ary cobriu o Palácio do Planalto por cinco anos e passou a trabalhar na diretoria da sucursal, como secretário de redação. Nesta função, coordenava a seleção das matérias que seriam enviadas para São Paulo. Uma inovação tecnológica da época chegara a Brasília e facilitara o serviço: o teletipo. O repórter batia a matéria aqui e as palavras eram impressas em uma fita que saía em São Paulo. As fo-

tografias, que antes iam por avião, agora também eram enviadas pelo telefoto, uma espécie de fax onde a cópia da imagem era transmitida para o outro estado.

Em 1968, decidiu estudar Direito na Universidade de Brasília. Estava em uma das aulas da faculdade quando as tropas do Exército invadiram a universidade. “Quando vi o que acontecia, fui à reitoria, que ficava próxima, e telefonei ao jornal pedindo que enviassem uma equipe”, revela.

Ary foi funcionário do *Estado de S. Paulo* até 1994. Em 1967, ingressou também no Departamento de Divulgação do Senado Federal, onde aposentou-se por tempo de serviço. Depois de secretário de redação da sucursal, voltou a cobrir a Câmara dos Deputados, onde presidiu o Comitê de Imprensa da Constituinte de 1988. Pelos trabalhos realizados, foi agraciado com a Ordem do Congresso Nacional, por indicação de Ulysses Guimarães.

Já aposentado, foi diretor-geral da Imprensa Nacional até 1995, quando demitiu-se para assumir o cargo de assessor de comunicação social da presidência do Tribunal Superior do Trabalho, onde permaneceu por quatro gestões.

“NINGUÉM IMAGINAVA QUE, NO DIA SEGUINTE À INAUGURAÇÃO, OS TRÊS PODERES JÁ ESTARIAM FUNCIONANDO AQUI”

Raio X

Nome: Ary Cícero de Moraes Ribeiro
Idade: 69 anos
Origem: Águas da Prata, São Paulo
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Jornalista, advogado e funcionário público aposentado
Esposa: Rosa Nemer Ribeiro
Filhos: Cícero e Erich
Neta: Laura